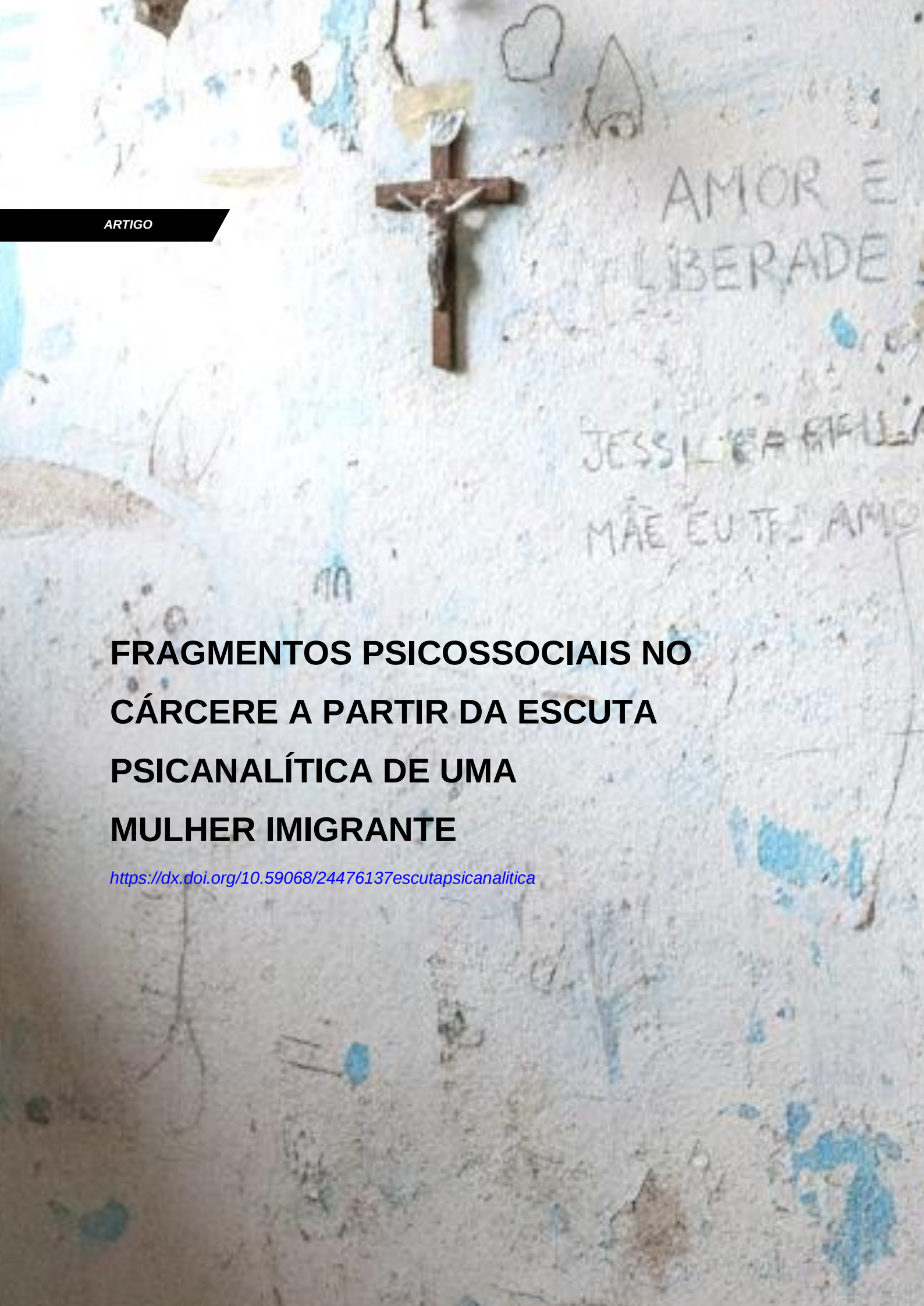


A photograph of a weathered wall with a small wooden crucifix and graffiti. The wall is light-colored with blue and brown stains. The crucifix is made of dark wood and is mounted on the wall. To the right of the crucifix, there is graffiti in blue and black ink. The graffiti includes the words "AMOR É", "LIBERAR DE", "JESSICA", and "MÃE EU TE AMO".

ARTIGO

FRAGMENTOS PSICOSSOCIAIS NO CÁRCERE A PARTIR DA ESCUTA PSICANALÍTICA DE UMA MULHER IMIGRANTE

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137escutapsicanalitica>

Cristiane Regina da Cruz

criscruzpsico@gmail.com

Psicanalista e Psicóloga. Mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coorientação Universidade de São Paulo (USP). Membro dos grupos Veredas – Psicanálise e Migração do IP-USP; Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política (PSOPOL) do IP-USP; e Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT).

Fragmentos psicossociais no cárcere a partir da escuta psicanalítica de uma mulher imigrante

Psychosocial fragments in prison based on the psychoanalytic listening of an immigrant woman

Fragmentos psicossociales en prisión a partir de la escucha psiconalítica de una mujer inmigrante

Resumo

Este trabalho foi causado por ecos do mal-estar da contemporaneidade, enlaçado na encruzilhada dos processos de migração e encarceramento femininos. O estudo versou sobre as perspectivas sociopolíticas a partir da escuta de uma mulher imigrante com passagem pela condição de encarceramento na cidade de São Paulo, pautado no método das intervenções psicanalíticas clínico-políticas. O principal objetivo foi o de investigar a dimensão sociopolítica do sofrimento e como ela se manifestou nas narrativas dessa mulher, articulando a trajetória de vida, os fenômenos oníricos, os acontecimentos traumáticos e as condições sócio-históricas. Tratou-se de enfatizar a experiência singular em meio à exposição a diversas formas de violência nos processos de migração e de encarceramento. Neste texto foram selecionados alguns fragmentos psicossociais no cárcere, suscitados nos relatos dessa mulher imigrante, em meio à profusão de dados produzidos nos quatro encontros. No horizonte da ética psicanalítica, há um sujeito desejante em cena que pode se desidentificar com o discurso objetificante do *status quo* que cria e mantém desigualdades. O presente trabalho faz uma aposta radical na mudança social por meio do sistema prisional, especialmente focada na sobrepujança de opressões daquelas consideradas fora do laço civilizatório, à parte dos privilégios.

Palavras-chave: sofrimento sociopolítico, imigração, cárcere, mulheres, sonho.

Abstract

This work was caused by echoes of the discontent of contemporaneity, linked to the crossroads of the female migration and incarceration processes. This study dealt with sociopolitical perspectives from the listening of an immigrant woman released from prison into São Paulo city, guided by the method of clinical-political psychoanalytic interventions. The main objective was to investigate the socio-political dimension of suffering and how it manifested itself in this woman's narratives, articulating the life trajectory, the oneiric phenomena, the traumatic events and the socio-historical conditions. It was a matter of emphasizing the unique experience in the midst of exposure to different forms of violence in the migration and incarceration processes. In this paper were selected some psychosocial fragments in prison, elicited in the speeches of this immigrant woman, from the profusion of data produced in four meetings. Within the horizon of psychoanalytic ethics, there is a desiring subject at play who can disidentify with the objectifying speech of the *status quo* that creates and maintains inequalities. This work makes a radical commitment to social change through the prison system, specifically focused on overcoming oppressions of those considered outside the bond of civilization, apart from privileges.

Keywords: sociopolitical suffering, immigration, prison, women, dream.

Resumen

Este trabajo surgió de los ecos del malestar contemporáneo, entrelazados en la intersección de la migración femenina y el encarcelamiento. El estudio se centró en perspectivas sociopolíticas a partir de la escucha de una mujer inmigrante que experimentó encarcelamiento en la ciudad de São Paulo, guiado por el método de intervenciones psicoanalíticas clínico-políticas. El objetivo principal fue investigar la dimensión sociopolítica del sufrimiento y cómo se manifestó en las narrativas de esta mujer, articulando la trayectoria de vida, los fenómenos oníricos, los acontecimientos traumáticos y condiciones sociohistóricas. El objetivo fue enfatizar la experiencia singular en medio de la exposición a diversas formas de violencia en los procesos de migración y encarcelamiento. En este texto se seleccionaron algunos fragmentos psicosociales en prisión, planteados en los relatos de esta mujer inmigrante, en medio de la profusión de datos producidos en los cuatro encuentros. En el horizonte de la ética psicoanalítica, existe un sujeto deseante en juego que puede desidentificarse con el discurso objetivante del *status quo* que crea y mantiene desigualdades. Este trabajo hace un compromiso radical con el cambio social a través del sistema penitenciario, centrándose específicamente en superar la opresión de aquellas consideradas fuera del vínculo civilizado, al margen de los privilegios.

Palabras clave: sufrimiento sociopolítico, inmigración, prisión, mujeres, sueño.

Introdução

Os dados estatísticos do sistema penitenciário brasileiro não são mensageiros de boas notícias. O Brasil ocupa a terceira posição no ranking geral dos países que mais encarcera no mundo (Sisdepen, 2021). Em relação ao encarceramento feminino, os dados também apontam a terceira colocação para o Brasil no ranking mundial; sendo os Estados Unidos na primeira posição com 211.375; segunda posição para China com 145.000; terceira para Brasil com 42.694; quarta para Rússia com 39.120; e quinta posição para Tailândia com 32.952. De acordo com o levantamento do *World Female Imprisonment List* (Lista mundial do aprisionamento feminino) há mais de 740.000 mulheres no cárcere globalmente; desde o ano 2000, o número de mulheres presas quadruplicou no Brasil, enquanto o mundo registrou aumento de 60% da população carcerária feminina, e a população carcerária masculina cresceu 22%.

No tocante ao encarceramento em massa, segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, a literatura aponta que as chamadas *minorias* são recorrentemente atingidas pelo uso excessivo da força policial, tanto no Brasil, quanto no mundo. De acordo com este critério, é explícita a questão da seletividade no uso da força policial direcionada às pessoas negras, pobres e periféricas. Para compreender os meandros das minorias sociais, a historiadora Scott (2005) problematiza os conceitos de igualdade e diferença, gênero, identidades individuais e de grupos, postulando a compreensão em termos de paradoxo. A autora frisa que “as identidades de grupo são um aspecto inevitável da vida social e da vida política, e as duas são interconectadas porque as diferenças de grupo se tornam visíveis, salientes e problemáticas em contextos políticos específicos” (Scott, 2005, p.18).

Portanto, estão em cena aquelas pessoas oriundas dos grupos sociologicamente compreendidos minoritários, de acordo com as relações de poder, não exclusivamente do ponto de vista quantitativo. Os dados estatísticos do sistema prisional e o testemunho social da abordagem policial cotidiana reafirmam que o cárcere no Brasil tem cor; a população negra é protagonista dessa estatística mais obscura da nossa sociedade, somada à categoria de classe social.

É um processo complexo enfrentar o jogo das relações de poder e as problemáticas das unidades prisionais, nomeadas como instituições totais por Goffman (2001), e como dispositivos disciplinares por Foucault (2010), que resultaram de um processo sócio-histórico-cultural e primam pela vigilância e punição dos indivíduos que não se adequam às regras do cenário social, muito embora haja a comprovação da ineficácia, da primitividade e da obsolescência desses mecanismos.

Nesse contexto, a figura da mulher imigrante com passagem pelo cárcere ocupa o lugar dos dejetos e inimigos em meio às violências estruturais na trama social contemporânea. A pessoa imigrante que é enquadrada dentro de um crime penal sofre o deslocamento social duplamente, no país de origem e de destino, além de ser lançada na exclusão também em duplicidade, fora das fronteiras originais e dentro dos muros prisionais.

Diante do exposto, essa população acaba por sofrer uma série de violências que ultrapassam os limites da pena privativa de liberdade, oriundas da violência estrutural constitutiva da sociedade autóctone, posta a inserção desta população em meio a mecanismos político, social e cultural que ferem, em alguma medida, os direitos humanos e de pertença.

Os mecanismos de poder engendram o sofrimento na dimensão sociopolítica (Rosa, 2018), mote epistemológico deste estudo, que se propôs a investigá-la; como a dimensão sociopolítica do sofrimento se manifestou na produção onírica e trajetória de vida de uma mulher imigrante com passagem pela condição de encarceramento na cidade de São Paulo, face aos processos de constituição e destituição do sujeito, enredado no contexto de extrema vulnerabilidade social e pujante carga de estigmas e preconceitos.

Partimos da premissa freudiana (2010) de que as fontes do sofrer fazem parte da civilização, no sentido da correspondência entre sofrimento e desamparo, somado ao preceito lacaniano (1996), que o sofrimento é proveniente do encontro com o outro²², no que se refere à concepção do discurso como estruturante do campo social.

²² O outro entendido na relação dialética eu e outro, semelhança e diferença. Na álgebra lacaniana, diferentes tipos de relações e instâncias simbólicas, pequeno outro (a), refere-se ao semelhante, ao outro imaginário, e Grande Outro (A), representa a ordem simbólica, a linguagem, as leis e a estrutura

Na tessitura das perspectivas sociopolíticas entre psicanálise e outros campos do saber que convergem na noção do sofrimento social e contribuem para a construção de operadores psicanalíticos frente aos fenômenos sociais e políticos, nos dedicamos à tarefa de fazer reverberar os ecos do mal-estar contemporâneo, a partir da escuta dos ecos das vidas e exílios que ecoam além das grades, vislumbrando novas rotas possíveis para os impasses da nossa era e, especialmente, colaborar para a criação de políticas públicas específicas para essa população.

Método

Trata-se de uma pesquisa²³ qualitativa, que se utiliza do aporte das intervenções clínico-políticas, com os recursos teóricos, clínicos e éticos da psicanálise e se inserem em uma crítica do social, apoiadas nos saberes da sociologia e ciência política para propor “operadores psicanalíticos para análise dos fenômenos sociais e políticos” e das suas práticas para que “possam fazer resistência” (Rosa, 2018, p. 87) aos processos de exclusão/inclusão próprios às relações de poder no capitalismo.

Foram realizados quatro encontros para a entrevista semidirigida com uma mulher imigrante egressa do sistema prisional, respeitando o princípio da livre associação de ideias. A participante sul-africana escolheu o local: sua residência na região metropolitana de São Paulo, e o idioma de sua preferência: português, do país de acolhida (Brasil), em vez do inglês, idioma de origem. Ela manifestou interesse em participar do estudo para a liderança do seu coletivo de pessoas egressas do cárcere; nossa rede em comum possibilitou essa aproximação.

A coleta e a análise de dados foram ancoradas na dimensão singular, social, institucional e relação transferencial estabelecida com a participante, por meio das narrativas oníricas e trajetória de vida produzidas nos encontros, pautadas nos aspectos éticos e teóricos da psicanálise freudolacanianana.

que moldam o sujeito e seu inconsciente e com quem o sujeito se relaciona. Trata-se da grande seara da alteridade, todo esse vínculo. Os laços sociais são laços discursivos que dizem respeito à relação do sujeito com o semelhante, com o Outro e com seu gozo.

²³ Cruz, C. R. (2023). *Vidas e exílios que ecoam além das grades: perspectivas sociopolíticas a partir da escuta de uma mulher imigrante*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, Brasil. <https://repositorio.unifesp.br/items/62789cd9-b1d0-4c88-81fa-4c8248a914d8>

Desta forma, variados temas foram analisados nos dados produzidos nos encontros, como o tipo de sofrimento que aparece, o tipo de elaboração presente, as situações comuns, os projetos de vida, os modos de expressão da resistência, entre outras possibilidades, delineando, assim, como a dimensão sociopolítica do sofrimento afeta a dinâmica consciente e inconsciente desta mulher.

Com base na associação livre, esta mulher contou as cenas dos seus sonhos e da sua trajetória de vida, desvelando possibilidades de significados, cujas cenas contêm aspectos libidinais, familiares, políticos em que o sujeito está inserido. A partir do endereçamento sonho, o sujeito pode recontar as narrativas para um outro passo, com aquilo que interpela, convoca para ação, para outra cena.

Discussão

A figura imigrante, na sua jornada errante, acoplada aos estereótipos de inimiga, abjeto e criminosa, decorrente do encarceramento, está imbricada aos modos de gestão e contenção de seu corpo. Desta maneira, no percurso entre os meandros da política e psicanálise, elucidamos os processos de destituição do sujeito que acarretam a dimensão sociopolítica do sofrimento. Os laços sociais concebidos como laços discursivos atualizam os processos de exclusão em curso na sociedade.

Os laços sociais têm seu fundamento na linguagem, mas tal inserção processa-se simultaneamente no jogo relacional, afetivo, libidinal e também no jogo político. Os discursos que circulam num dado tempo indicam modos de pertencimento possíveis para cada sujeito, atribuindo a cada um valores, lugares e posições no laço. (Rosa, 2018, p.24).

Portanto, o conceito do sofrimento sociopolítico opera na direção de equiparação de discursos objetificantes em prol da destituição do sujeito ao “campo simbólico da cultura e da linguagem”. Nesta senda, a estratégia em jogo é a da naturalização das atribuições e o eclipsar da visibilidade dos embates sociais e políticos presentes na sua base. “A invisibilidade dos conflitos gerados *no e pelo* laço social recai sobre o sujeito, individualizando seus impasses, patologizando ou criminalizando suas saídas” (Rosa, 2018, p. 24).

A figura feminina é a mais aviltada na lógica do sistema vigente, aquela que é alijada. O termo estrangeiro, na chave de compreensão psicanalítica, é trazido por Souza (1998), ancorado nos conceitos freudiano *unheimlich* e lacaniano *extimidade*, na figura do estranho, como autômato, duplo e feminino, problematizando a questão da diferença, do preconceito e do desamparo. O mal-estar eclode no encontro do sujeito com a alteridade. Desse modo, as mazelas sociais recaem sobre a figura do estranho, aqui representada por uma mulher imigrante egressa do sistema prisional.

No que diz respeito à teoria psicanalítica do sonho, Freud (2019) pontua que o sujeito do inconsciente revela que os sentidos interpretáveis podem se suceder. Contudo, a noção de “o umbigo do sonho” diz que a interpretação é não toda; cumpre investigar a dimensão inconsciente. O sonho é uma produção psíquica que tem sentido, além de portar verdades e necessidades que nem o próprio sujeito que se dá conta que tem.

Para a tratativa da sobrepujança de violências presentes neste estudo, nos aliamos ao pensamento de Akotirene (2021) sobre interseccionalidade:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias em que as mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2021, p. 19)

O racismo assume contornos distintos globalmente que culminam em mecanismos de exploração e opressão. Segundo Gonzalez (2019, p. 344), na África do Sul vigora o racismo aberto, enquanto no Brasil opera o racismo disfarçado, o qual é nomeado por ela como racismo por denegação. Aqui, decorrente da formação histórica dos países ibéricos, prevalecem as “teorias” da miscigenação, assimilação e democracia racial; as quais suscitaram políticas eugenistas, com o mote de branqueamento populacional. A população negra (pardos e pretos) é majoritária no território nacional; contudo, o engendramento racista que funda os estratos sociais faz com que um percentual expressivo dessa população ocupe a base da pirâmide social e em posições precarizadas; assim como lidere o ranking do encarceramento no país.

Ayana: uma mulher imigrante egressa do sistema prisional

Apresentamos a participante deste estudo que nomeamos de Ayana, nascida e criada na Cidade do Cabo, África do Sul, na época do apartheid. Em uma linha diacrônica, cumpriu pena privativa de liberdade na cidade de São Paulo, entre 2009 e 2012, nas unidades prisionais: delegacia na região central da cidade, Penitenciária Feminina de Sant'Ana (PFS) e Penitenciária Feminina da Capital (PFC), ambas em regime fechado, posteriormente, no regime semiaberto, no Centro de Progressão Penitenciária CPP Feminino de Butantan.

Após sua saída da prisão, ela desejava e conseguiu permissão legal para permanecer no Brasil, impedindo a sua extradição àquela época, como era de praxe para as estrangeiras. Seu primeiro visto foi temporário para o trabalho até o fim da sua sentença, concedido pela defensoria pública. Em 2017, recebeu o visto de refúgio; ainda hoje ela necessita renová-lo anualmente e tem intenção de pleitear o visto permanente. Assim, ela constituiu família e residência em um município pertencente à região metropolitana da capital, com seu terceiro marido, brasileiro. Tem dois filhos do primeiro casamento, com sul-africano, que moram na Holanda.

As narrativas dessa mulher desvelam as múltiplas modalidades de violência no processo migratório e de encarceramento; além de violências estruturais, tais como racismo, misoginia, violência sexual, trabalho análogo à escravidão, entre outros. Explicita conflitos sócio-históricos-culturais, como apartheid, traumas de guerras na contemporaneidade (Ucrânia e Angola), guerra do tráfico de drogas, pandemia Covid-19, traumas que ela foi exposta na infância, adolescência e vida adulta. Realizamos a análise do desamparo social e discursivo que incide na destituição do sujeito, a partir do sentimento de estranhamento e dos afetos suscitados, tais como raiva, medo e vergonha, investigando a responsabilidade do sujeito e do campo social.

Destacamos a sensação de estranhamento de Ayana sobre a categorização de raças. No relato sobre sua trajetória de vida, Ayana pontuou que “a vida não é tão ‘preto e branco’, como as pessoas acham. Tem uma enorme área cinzenta, onde cabe um monte de coisa, né”.

A questão racial é uma área cinzenta para ela, pois abala a sua identidade e fere o seu sentimento de pertença. Ayana sente-se “perdida” no estereótipo atribuído pelo Outro, uma vez que possui descendência europeia (ingleses, holandeses, franceses, alemães, considerados “brancos puros”) e do povo filipino. Sua avó materna e algumas irmãs dela decidiram ser reclassificadas como brancas; pois, na década de 1960, a pessoa que não tinha a pele tão escura e tinha cabelo liso poderia ser reclassificada como branca. Isto significou que “elas deixaram 70% da família na população dos morenos”, nunca mais se viram, mesmo morando na mesma cidade.

A expressão “preto e branco” utilizada por Ayana nos parece condensar o drama existencial do seu sistema familiar, como também diz sobre o racismo globalmente. Assim como a sua nação de origem foi segregada entre “brancos puros” e “não brancos”, sua família também sofreu cisão e seus membros foram apartados. Ela conectou essa expressão ao radicalismo do julgamento direcionado às pessoas e à segregação dos seres humanos. A vasta “área cinzenta” nos aponta, por um lado, para o colorismo e relações inter-raciais, ou seja, a diversidade que deve ser reconhecida, e, por outro, para as questões multifatoriais que arrastam as pessoas para os seus infortúnios.

Cabe ressaltar que Ayana é fenotipicamente lida como branca no Brasil. Embora tenha vivido na comunidade branca durante o regime do apartheid, ela afirmou ser considerada como escura dentro dessa comunidade; com o final desse regime, foi julgada como muito branca pela comunidade dos “morenos”. Dessa maneira, sofreu ataques de ambos os lados, sem legitimação de pertencimento de nenhuma parte. Ayana relatou que prefere o Brasil por se sentir muito melhor aqui, porque é “um povo diverso, muito miscigenado”, ressaltando não sofrer pressão acerca da sua identidade racial no Brasil, ao contrário do que vivenciou na África do Sul durante e após o apartheid. Portanto, a vivência do seu corpo no território estrangeiro é distinta da terra de origem.

Nos documentos oficiais, ela segue o registro do seu documento sul-africano que a classifica como branca, embora ela declarou se identificar com a população dos “morenos” na África do Sul, que corresponderia aos “pardos” no Brasil. Ayana evidenciou como a questão racial é um ponto nevralgico para ela, aceitando a nomeação que lhe for atribuída, a qual diverge segundo a leitura racial concebida pelos seus interlocutores. Esse contexto reitera sua visão da vasta área cinzenta como um dilema não equacionado, tanto na sua perspectiva pessoal, quanto nas diferentes culturas.

A dicotomia entre pretos e brancos também se presentificava na relação amorosa. O primeiro marido era pertencente ao grupo dos brancos; após essa separação, encontrou pela primeira vez uma pessoa negra, que foi seu segundo marido, “o cara nigeriano”.

No seu périplo pelas unidades prisionais na cidade de São Paulo, há uma profusão de elementos psicossociais que analisamos. Aqui, selecionamos alguns fragmentos.

Começamos pelo tema da assistência de saúde no ambiente carcerário. Segundo o seu relato, foi contaminada com tuberculose assim que ingressou no sistema prisional, ainda na sua breve passagem na delegacia. Ayana descreveu que estava em uma cela pequena com outras duas mulheres, quando uma delas tossiu, acordou “sentindo os ancestrais”, uma “coisa ruim” pegando o seu corpo; naquela hora soube que estava contaminada.

Ayana enfatizou que tardou muito para receber tratamento adequado de saúde durante a sua experiência no sistema prisional; foi de bonde²⁴ da delegacia para PFS, por último, para PFC; somente, quando já escarrava sangue, foi de bonde para o Hospital Penitenciário de Santana. Mais uma vez, ficou esquecida lá por quarenta dias, quando deveria ter ficado internada por apenas quatorze.

Traço da sua história que encontramos na literatura. A tuberculose é uma doença recorrente neste ambiente inóspito, citada amplamente na literatura sobre a prisão (Lourenço *et al.*, 2021, p. 303), da mesma maneira que está presente na trajetória de grandes personalidades, como Nelson Mandela e de pessoas anônimas.

²⁴ Bonde é a transferência de pessoas presas entre cadeias, ou de uma penitenciária para outra.

Durante a sua estadia naquele Hospital, relatou que estava no castigo, sem televisão, bíblia, livro, nem caneta e papel. Depois de tantos dias naquela condição, Ayana relatou que se rebelou, pegou um cilindro de gás embaixo de sua cama e gritou que, se ninguém a soltasse, explodiria aquilo. Usando o seu afeto da raiva, ela conseguiu mobilizar a chegada do Cônsul Zaki da África da Sul para ajudá-la na defesa dos seus direitos e recebimento de tratamento humanizado.

Na cena da blitz na penitenciária, Ayana relatou que aquele grupo de policiais era o pior dos piores, mas não recordava o nome; os policiais jogavam sabão com água no chão e falavam: “corram demônias”. A mediação de Zaki foi imprescindível para a garantia dos direitos das mulheres encarceradas; fez vigorar o cumprimento das Regras de Bangkok (CNJ, 2016) e das leis aplicáveis. Enfatizou que as brasileiras adoravam a fiscalização do Consulado, pois ele extirpou a atuação daquele grupo de policiais; fato que ratifica que assegurar os direitos para imigrantes significa assegurar os direitos da sociedade autóctone.

A rememoração do caminho de horror percorrido por Ayana expõe os traumas sofridos. Em virtude da sua inquietação em torno da questão do abuso sexual, quando esteve na situação de encarceramento, Ayana começou a indagar às mulheres, brasileiras e estrangeiras, se elas já tinham sido abusadas na infância; todas responderam afirmativamente, exceto uma. Também afirmaram que tinham entrado para o mundo do crime por influência de relacionamentos amorosos ou familiares envolvidos na criminalidade.

Em relação às narrativas oníricas, destacamos o relato do seu sonho “As guerras que me preocupam”:

Meus sonhos de guerra têm bombas nucleares, muitas luzes, muito brilho. Há pessoas desaparecendo. São sonhos de perigo. Sabe aquelas cenas que vimos nos filmes da Segunda Guerra Mundial? Os caras na lama, as bombas lançadas pelos dois lados.

O cenário de guerra rondava a sua família. A linhagem paterna branca era formada por militares, desde os ascendentes que pertenciam ao exército de Napoleão. O seu pai foi combatente na Guerra de Angola. O seu irmão lutou em diversas guerras; no princípio, era guarda-costas do Nelson Mandela, posteriormente, recebeu treinamento das forças armadas estadunidenses, aliando-se aos Estados Unidos na Guerra do Iraque e Afeganistão. Para Ayana, a recessão da África do Sul em 2008 foi o fator decisivo para ser *mula*²⁵ novamente, fato que culminou na sua prisão no Brasil.

Ayana reiterou no seu relato que a “mula” não é detentora do desígnio mercantil, nem sequer conhece a rota a ser percorrida, não sabe a quantidade que transporta, tampouco a sua procedência; é a parte mais frágil do laço, quem é cooptada e aprisionada, enlaçada na lógica punitiva do sistema, a lógica do inimigo. Quem efetivamente comercializa e lucra com o sistema são os contratantes, os investidores, ou seja, os donos do tráfico.

Ayana evidencia o mecanismo sem sentido do aprisionamento: “aprendi duas coisas na cadeia: que a vida pode ser super chata e a comida pode ser super ruim, antes eu nem sabia disso”. Para ela, a prisão é inútil, só serve para aprimorar a máquina do crime; complementa que o internato (onde esteve), a escola e a prisão são ambientes iguais, onde a sociedade esconde os seus conflitos. Seu relato salienta que o cárcere, símbolo mestre de exclusão social, é uma máquina de degradação humana, o campo de concentração da contemporaneidade.

²⁵ O termo “mula” refere-se à pessoa que transporta drogas, geralmente para outros países.

Considerações Finais

Os sujeitos imigrantes com passagem pelo sistema prisional interpelam a clínica psicanalítica, assim como o nosso tempo, sobre a finalidade do cárcere: qual é a sua representação em seu amplo espectro? O que ele pretende ser? Para quem? Opera por qual lógica?

Há uma ideia na opinião pública, engendrada estruturalmente, que representa uma sede de vingança social no lugar de justiça. A lógica do sistema é punitiva, a lógica do inimigo. O que é crime grave? A resposta, com base no encarceramento em massa, demonstra que a gravidade é relativizada por classe social, raça e gênero. Se precisamos de ressocialização é porque falhamos como sociedade antes, excluímos, marginalizamos e ceifamos oportunidades.

Este trabalho se propôs, a partir das narrativas suscitadas, apostar na escuta que convoca o sujeito a entrar em contato com o seu imaginário e desejo latente, interrogar os saberes totalizantes e articular com os acontecimentos traumáticos e os conflitos sociopolíticos vividos. Considerando que no horizonte psicanalítico há um sujeito desejante em cena e que ele pode se desidentificar com o discurso objetificante do *status quo* que cria e mantém desigualdades.

Apostamos radicalmente que a mudança social que precisamos deve acontecer por meio do sistema prisional, especialmente focada na sobrepujança de opressões daquelas fora do laço civilizatório, à parte dos privilégios. Desta feita, a mulher negra pobre, que é a mais aviltada no laço social, indicaria o caminho para uma saída possível do *status quo*; portanto, enegrecer o feminismo (Carneiro, 2019) nos ajuda na luta das opressões sistêmicas.

Interessa-nos fomentar o campo propositivo das políticas públicas para a população feminina migrante egressa do sistema prisional, visando o acolhimento e o amparo assistido até a retomada da plena cidadania plena no corpo social.

Referências

- Akotirene, C. (2021). *Interseccionalidade*. (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra.
- Carneiro, S. (2019). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In H. B. de Hollanda (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Conselho Nacional de Justiça. (2016). *Regras de Bangkok: Regras das Nações Unidas para o Tratamento de Mulheres Presas e Medidas Não Privativas de Liberdade para Mulheres Infratoras*. L. G. S. Lanfredi (Coord.). Brasília, DF. Recuperado em 23 setembro, 2022, de <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/cd8bc11ffdc397c32eecd40afbb74.pdf>
- Cruz, C. R. (2023). *Vidas e exílios que ecoam além das grades: perspectivas sociopolíticas a partir da escuta de uma mulher imigrante*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, Brasil.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*. São Paulo: Edições 16, FBSP. Recuperado em 30 janeiro, 2023, de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Foucault, M. (2010). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (R. Ramalhete, Trad.). Petrópolis: Edições 38, Vozes (Obra original publicada em 1975).
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In *Obras Completas, Vol. 4*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In *Obras Completas, Vol.18*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930-1936).
- Goffman, E. (2001). *Manicômios, Prisões e Conventos* (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Edições 7, Perspectiva. (Obra original publicada em 1961).
- Gonzalez, L. (2019). A categoria político-cultural da Amefricanidade. In H. B. de Hollanda (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Institute for Crime & Justice Policy Research (ICPR) – (Instituto de Pesquisa de Políticas de Crime e Justiça). (2022). *World Female Imprisonment List (Lista mundial do aprisionamento feminino)*. Recuperado em 20 abril, 2023, de <https://idpc.net/news/2022/10/world-female-prison-population-up-by-60-since-2000>
- Lacan, J. (1996). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1970).
- Lourenço, A. et al. (2021). Visitas Técnicas em Prisões, Preconceitos e Estigmas: descobrindo as gaiolas que nos prendem. *Revista Brasileira de Execução Penal - RBEP*, 2(1), 293-312. Recuperado em 25 agosto, 2022, de <https://rbepdepen.depen.gov.br/index.php/RBEP/article/view/339>
- Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Edições 2, Escuta/Fapesp.
- Scott, J. W. (2005). O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 11. Recuperado em 05 agosto, 2025, de <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100002>
- Sisdepen. (2021). Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional. *Ferramenta de coleta de dados do sistema penitenciário brasileiro*. Recuperado em 20 abril, 2023, de <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>
- Souza, N. S. (1998). O estrangeiro: nossa condição. In C. Koltai (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

COMO CITAR ESSE TEXTO

Cruz, C.R. (2026). Fragmentos psicossociais no cárcere a partir da escuta psicanalítica de uma mulher imigrante. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.1, 68-83. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137escutapsicanalitica>

RECEBIDO EM:05/08/2025

APROVADO EM: 19/08/2025